



**Atividades Pedagógicas desenvolvidas pelos professores no período de suspensão devido ao COVID-19.**

**Disciplina:** Língua Portuguesa      **Aluno:** \_\_\_\_\_      **Turma:** \_\_\_\_\_

**Série:** 3ºs A, B, C, D, E, F, G

**Professoras** Carine Lorensi, Evelise de Oliveira Bolzan e Sabrina Gerhardt Bonfim Lopes

**Observação: A presente atividade poderá ser desenvolvida no mês de agosto.**

**“Tudo há de se ajeitar um dia. E a vida vai acontecendo em volta. Se amanhã o que eu sonhei não for bem aquilo, tiro um arco-íris da cartola. E refaço. Pinto e bordo.”**

**1. Com atenção, leia o texto abaixo, tentando identificar possíveis posicionamentos do autor.**

**“Tivéssemos identificado e isolado os doentes, não seriam 100 mil os mortos”, diz Hallal**

Por Hora do Povo, publicado em 8 de agosto de 2020.

Em entrevista ao Jornal Extra Classe, Pedro Hallal, o reitor da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), e coordenador da maior pesquisa sobre Coronavírus no Brasil, afirmou, na quinta-feira (06), que “se houvesse uma política pública de testagem massiva da população, com a devida identificação de contaminados e isolamento para barrar a transmissão, o saldo da Covid-19 certamente estaria longe das 100 mil mortes registradas esta semana desde o primeiro óbito causado pela doença, no dia 12 de março”.

O Brasil é um dos países do mundo que menos fez testes diagnósticos (PCR) para identificar os infectados e, assim, poder fazer o rastreamento e a busca de casos. Até recentemente o Ministério da Saúde, com um ministro interino, não tinha garantido nem a chegada de testes aos estados e municípios na quantidade necessária por falta de prioridade e de reagentes. Quando mandou, o fez de forma incompleta.

À frente da pesquisa de mapeamento do coronavírus no Brasil, a Epicovid-19 BR, que testou e entrevistou 89.397 pessoas em 133 cidades de todos os estados do país em suas três fases, o reitor da Universidade Federal de Pelotas (Ufpel) alertou sobre os riscos de “se tratar a pandemia e o distanciamento social sem a devida seriedade que o tema merecia”.

“Não adiantou. O saldo de 3 milhões de contaminados e 100 mil mortos alcançados na primeira semana de agosto é só a parte mais visível de um problema mais amplo: a desigualdade social, que fez a doença contaminar e matar mais pobres do que ricos, e a negação da pandemia, que transformou o distanciamento em disputa ideológica”, observou Hallal.

Ele destacou ainda que “essa história de que a maioria dos contaminados não apresenta nenhum sintoma está errada. Pelo nosso estudo, apenas 9% da população que têm o vírus não tiveram sintoma algum da doença. E perto de dois terços tiveram perda de olfato e de paladar, que é um sintoma muito característico da Covid-19”.

“Ou seja, esse dado científico poderia ter servido para a Vigilância Sanitária selecionar pessoas que potencialmente poderiam ser testadas positivamente. Ter essa informação e isolar essas pessoas para evitar novas contaminações teria sido essencial. Infelizmente, houve um erro na compreensão dessa doença que não foi corrigido a tempo de evitar tantas mortes”, assinalou o reitor da UFPel.

Para Hallal, a radicalização dos discursos e o muro gigante que foi construído entre aqueles que pensam diferente de nós”, foi um grande problema nesta pandemia. “As pautas da cloroquina e do *lockdown* são exemplos de que, antes das evidências científicas, o que moveu a convicção e a crença das pessoas foi a opinião do “time” para o qual votaram na última eleição. E isso é péssimo para o país” afirmou o professor, numa crítica ao comportamento negacionista de Bolsonaro.

“A palavra-chave é desigualdade. A contaminação, pelos dados apurados na pesquisa Epicovid-19 BR, tem uma taxa duas vezes maior entre os mais pobres do que entre os mais ricos”, observou o pesquisador.

“Isso que estamos falando de uma doença que chegou ao Brasil pela área internacional dos aeroportos, ou seja, justamente com os mais ricos. Mas se proliferou com mais velocidade e risco entre os pobres. Obviamente que essa população, mais vulnerável e menos capaz de levar adiante uma política de isolamento, é a mais atingida pela pandemia, especialmente pelo fracasso do Estado brasileiro em garantir a essas pessoas a possibilidade de ficarem em casa e se protegerem da contaminação”, acrescentou Hallal.

O professor disse que “o auxílio emergencial, aprovado depois de muita negociação, é muito baixo para as necessidades dessa população”. Para ele o auxílio foi muito “burocrático”. O que acabou acontecendo, segundo o pesquisador é que o governo obrigou as pessoas mais vulneráveis a “saírem de casa para buscar o sustento de suas famílias”. Essa é, na opinião de Hallal, a comprovação do fracasso do governo federal em proteger a sua população.


“Acredito que teremos uma vacina no primeiro semestre do ano que vem. Obviamente, a imunização deve começar com os grupos de risco e com as populações mais vulneráveis. Mas não podemos subestimar, de forma alguma, o desafio logístico que será entregar a vacina a toda a população brasileira. Essa empreitada precisa começar a ser organizada desde já porque a vacina virá em breve. Mas não vejo movimento nesse sentido”, advertiu.

Eu penso que a ciência sairá muito fortalecida dessa pandemia. Mesmo com a contínua redução dos investimentos no Brasil, na hora que a população mais precisou da ciência ela mostrou que está apta a dar as respostas necessárias. O combate à desinformação, agora materializada pelas *fake news*, deve ser contínuo, incansável”, observou. “Nesse item, o papel da mídia deve ser valorizado. A rápida disseminação de informações via redes sociais e novas tecnologias não deve somente ser aproveitada pelos mal intencionados, mas também pelos cientistas e pela mídia comprometida com a verdade e com a ética”, avaliou Hallal, em mais uma crítica ao negacionismo do governo e a guerra de desinformação patrocinada pela milícia bolsonarista.

<https://horadopovo.com.br/tivessemos-identificado-e-isolado-os-doentes-nao-seriam-100-mil-os-mortos-diz-hallal/>

### **ATIVIDADES DE ANÁLISE DO TEXTO:**

1. No primeiro parágrafo do texto, é possível, por meio de elementos linguísticos, identificarmos a tese do reitor da Universidade Federal de Pelotas. Fale sobre a tese e identifique as palavras e expressões que marcam tal posicionamento, mas antes escreva sobre qual tema o texto foi escrito.
2. Ainda no primeiro parágrafo o reitor lança mão de um argumento para defender sua ideia. Tal argumento é defendido e explicado no segundo e terceiro parágrafos. Identifique-o e fale sobre ele.
3. Para Hallal, o número de mortos e contaminados vêm acompanhando outros problemas: “a desigualdade social, que fez a doença contaminar e matar mais pobres do que ricos, e a negação da pandemia, que transformou o distanciamento em disputa ideológica”. Construa um parágrafo argumentativo em que a tese seja favorável, ou contrária aos argumentos apresentados acima. Apresente os seus argumentos.
4. Entre o nono e o décimo parágrafos há a defesa de uma ideia por parte do reitor. Tal ideia apresenta dois lados um problema que sempre foi latente em nosso país: a desigualdade social. Comente como essa problemática foi apresentada pelo articulista do texto.
5. “Acredito que teremos uma vacina no primeiro semestre do ano que vem. Obviamente, a imunização deve começar com os grupos de risco e com as populações mais vulneráveis. Mas não podemos subestimar, de forma alguma, o desafio logístico que será entregar a vacina a toda a população brasileira. Essa empreitada precisa começar a ser organizada desde já porque a vacina virá em breve. Mas não vejo movimento nesse sentido”, advertiu. Identifique no parágrafo acima as conjunções que funcionam como conetivos, quer dizer, estabelecem ligação e sentido entre as ideias do parágrafo e classifique-as.
6. O último parágrafo do texto nos traz um aspecto importante a ser considerado como meta em nosso país: o combate às *fake news* e à desinformação por meio delas. Retome o conceito de *fake news* e pesquise uma notícia vinculada na mídia que seja notoriamente falsa. Procure mostrar evidências linguísticas que caracterizem esse tipo de matéria, como falta de dados, criação de um contexto inexistente, exagero nas informações e dados não comprovados. Anexe a notícia e a comente.

 **Sobre a charge, pensemos nas problemáticas de nosso contexto atual e nas escolhas linguísticas utilizadas no texto abaixo:**



<https://jornalistaslivres.org/cloroquina-ou-tubaina/>

7. Levante hipóteses ao responder, por que possíveis razões os personagens da “Branca de Neve” e da “Bruxa má” são utilizados na construção da charge para representar o atual embate da ciência em nosso país.
8. Na fala da “Branca de neve” ocorre a utilização da expressão “mas ainda”. Qual sentido ela produz na fala e no contexto geral da charge?
9. Pesquise o significado do vocábulo “ciência” e escreva aqui o que foi encontrado, bem como a fonte de busca. Posteriormente, construa um parágrafo argumentando sobre o papel da ciência em nosso país atualmente.